

A historiografia portuguesa da educação: balanço e reflexões a partir do exemplo da história da formação de professores

*The portuguese historiography of education: balance and reflexions
from the example of teacher education history*

JOAQUIM ANTÓNIO DE SOUSA PINTASSILGO*

MARIA JOÃO MOGARRO**



RESUMO – O presente artigo tem por finalidade realizar um balanço da produção historiográfica portuguesa no campo da História da Educação. Seleccionámos, para tal, uma das áreas de trabalho em que temos estado implicados e que permite apreciar algumas das tendências gerais: a História da Formação de Professores. O *corpus* aqui analisado acaba por representar uma espécie de amostra da produção portuguesa, relativamente à qual procurámos traçar o “estado da arte” (abordagens, temáticas, fontes, etc.). A História da Formação de Professores, em articulação com a História da Profissão Docente, tem sido uma das áreas a manifestar algum dinamismo na investigação portuguesa recente. Esse facto decorre tanto do reconhecimento do papel desempenhado historicamente pela formação de professores e pelas suas instituições, no âmbito do processo de profissionalização da actividade docente, como da consciência da importância de uma memória histórica na construção da identidade profissional.

Palavras-chave – historiografia da educação; formação de professores; profissão docente

ABSTRACT – This article aims to do a review of Portuguese historical production in the field of History of Education. We have selected one of the areas in which we have been involved, allows doing some general trends: the History of Teacher Education. The corpus analyzed turns out to represent a kind of sample of Portuguese production, for which we seek to outline the “state of the art” (approaches, themes, sources). The History of Teacher Education, articulated with the History of Teaching Profession, has been one of the more dynamic areas in recent Portuguese research. This fact is the recognition of the role historically played by teacher education and their institutions in the framework of the process of professionalization of teaching profession and the awareness of the importance of historical memory in the construction of professional identity.

Keywords – historiography of education; teacher education; teaching profession

O presente artigo tem por finalidade realizar um balanço da produção historiográfica portuguesa no campo da História da Educação. Seleccionámos, para tal, uma das áreas de trabalho em que temos estado implicados e que permite apreciar algumas das tendências gerais: a História da Formação de Professores. O *corpus* aqui analisado acaba por representar uma espécie de amostra da produção portuguesa, relativamente à qual procurámos

traçar o “estado da arte”. A selecção de temas e ideias representa a nossa perspectiva muito particular; é uma leitura, entre outras, pela qual assumimos a responsabilidade. A História da Formação de Professores, em articulação com a História da Profissão Docente, tem sido uma das áreas a manifestar algum dinamismo na investigação portuguesa recente, embora muito esteja por fazer, designadamente no que se refere a monografias das

* Doutor em Geografia e História da Educação pela Universidad de Salamanca, (Espanha) e Professor do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, (Portugal). *E-mail*: <japintassilgo@ie.ul.pt>.

**Doutora em Formação de Professores pela Universidade de Lisboa (Portugal) e Professora do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. *E-mail*: <mjmogarro@ie.ul.pt>.

Artigo recebido em novembro e aprovado em dezembro de 2011.

instituições de formação ou ao conhecimento das práticas de formação. O referido dinamismo decorre tanto do reconhecimento do papel desempenhado historicamente pela formação de professores e respectivas instituições, no âmbito do processo de profissionalização da actividade docente, como da consciência da importância assumida pela memória histórica na construção de uma identidade profissional.

Os estudos têm separado claramente a formação dos professores do ensino primário da formação dos professores do ensino secundário, como dois percursos que se desenvolveram paralelamente e que raramente se encontraram, pelo que seguiremos aqui idêntica sistematização.

A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO PRIMÁRIO

Neste campo, como noutros, Joaquim Ferreira Gomes, professor da Universidade de Coimbra, assumiu o papel de figura pioneira. A sua intensa produção, muito atenta às fontes de estudo, renovou a investigação no campo científico da História da Educação a partir dos anos setenta do século XX, e os numerosos títulos publicados abrangem temas diversificados, vários deles inovadores, em que se inclui a formação de professores. Apesar da sua atenção se ter orientado preferencialmente para a formação dos docentes do ensino secundário e respectivas instituições, o autor também contribuiu para o conhecimento do ensino normal primário e das fontes que permitem o seu estudo. Tais dimensões estão contempladas nos seus artigos “Escolas normais para habilitação de professores primários” (1996), originalmente publicado em 1979, e “O ensino da pedagogia e psicologia nas escolas normais primárias (1862-1974)” (1998).

A obra de Rogério Fernandes, no seu conjunto, é igualmente uma referência incontornável. O autor esteve profundamente envolvido nas transformações ocorridas entre 1974 e 1976, em particular no que respeita ao ensino elementar e às escolas de formação. A sua participação na definição das políticas educativas, posteriores à Revolução de 25 de abril, foi precedida de duas obras, em que traçou a situação da educação portuguesa no final do Estado Novo, contemplando ainda a vertente da formação de professores – *Ensino: sector em crise* (1967) e *Situação da educação em Portugal* (1973). Posteriormente, fez o balanço da sua experiência governativa e reflectiu sobre os desafios que se colocavam à formação de professores numa sociedade democrática, em *Educação: uma frente de luta* (1977), uma obra muito marcada pelo contexto político revolucionário, e seu subsequente refluxo, mas com informações preciosas sobre a vida das escolas do magistério primário nesse conturbado e criativo momento.

O livro de Maria Filomena Mónica, intitulado *Educação e sociedade no Portugal de Salazar (A escola primária salazarista, 1926-1939)* (1978), continua a constituir uma referência para o estudo da fase inicial do Estado Novo português no que diz respeito à sua vertente educativa. Esse estudo mobilizou, para a análise da realidade portuguesa, as perspectivas sociológicas de investigação (em particular as teorias da reprodução social) que, após a Revolução de abril, renovaram o campo das ciências sociais em Portugal. A obra dedica algumas páginas à preparação dos professores, às escolas que os diplomavam, à ideologia subjacente à sua organização e ao controlo político sobre elas exercido pelo Estado autoritário.

Relativamente ao enquadramento legal da formação de professores e suas implicações no funcionamento das escolas normais, são fundamentais duas obras pioneiras da historiografia portuguesa sobre educação, uma de autoria de Áurea Adão, *O estatuto sócio-profissional do professor primário em Portugal (1901-1951)* (1984), e outra de José Salvado Sampaio, *O ensino primário. 1911-1969. Contribuição monográfica* (1975-1977). No primeiro caso, a investigação incide sobre os professores primários e seu estatuto social, a carreira profissional, os benefícios materiais, o movimento associativo e a sua formação. Salvado Sampaio, por seu lado, analisa a legislação e as estatísticas educativas relativamente a algumas dimensões do ensino primário (administração e fiscalização, construções e sanidade escolar, programas e avaliação, entre outras), avançando, igualmente, com algumas indicações, sobre o ensino normal primário. Ambos os autores recorrem abundantemente, para além da legislação, à imprensa pedagógica.

No âmbito da vasta produção historiográfica que caracterizou o campo da história da educação nos anos 80, prolongando-se nas décadas seguintes, a tese de António Nóvoa, *Le temps des professeurs: analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIII^e-XX^e siècle)* (1987), tornou-se, pelo cunho de inovação, uma referência incontornável e ponto de partida dos estudos mais recentes sobre História da Profissão Docente. Tendo como eixo de análise o processo de profissionalização da actividade docente, entre a segunda metade do século XVIII e meados do século XX, o autor analisa, em intervalos de tempo seleccionados, dimensões essenciais do referido processo, tais como a dedicação a tempo inteiro à actividade, a posse de uma autorização legal para o seu exercício, o associativismo docente e, para o que aqui mais nos interessa, a institucionalização da formação de professores. Neste último caso, com base em documentação de arquivo original, imprensa pedagógica e outras fontes, traça um percurso amplo da criação e funcionamento das escolas normais primárias

tendo em vista o seu contributo para a formação e a identidade profissionais. Na parte do trabalho dedicada à Educação Nova portuguesa, António Nóvoa reflecte sobre a incorporação dos seus postulados nos discursos de professores e sobre a sua presença constante nos contextos de formação.

Essa obra foi seguida de várias outras do mesmo autor, destacando-se aquelas que incidiram sobre as temáticas da profissão docente e da formação de professores, como é o caso de *Profissão professor* (1991), *Vidas de professores* (1992b), *Os professores e a sua formação* (1992a) e, em colaboração com Thomas Popkewitz, *Reformas educativas e formação de professores* (1992), todas elas obras colectivas. Podemos acrescentar a essa lista *Histoire et comparaison (Essais sur l'éducation)* (1998), uma compilação de artigos em língua francesa que inclui dois interessantes textos sobre a temática em apreço. Tais estudos sistematizam e aprofundam algumas das teses previamente defendidas sobre o processo de profissionalização; analisam criticamente o ofício do professor, as intencionalidades políticas e culturais da sua função, as múltiplas experiências de vida que se entrelaçam nos itinerários docentes, a relação entre a profissionalização e o desenvolvimento das ciências da educação, entre outros tópicos. Pela sua ampla difusão, são trabalhos que contribuíram para a construção de novos olhares e formas de abordagem, tendo incentivado, progressivamente, outras investigações de natureza académica igualmente inovadoras.

Mais recentemente (2009), António Nóvoa publicou *Professores: imagens do futuro presente*, no formato de *E-book*, em que retoma algumas das suas ideias sobre os professores e a sua formação, recolocando-as no contexto actual e projectando os caminhos que, no futuro, podem ser trilhados nesse domínio. O autor considera que os professores ocupam, de novo, um lugar de grande relevância pública, reclamando a necessidade de encontrar novos figurinos para a sua formação. A formação deve, assim, ser construída dentro da profissão, e a escola é o lugar dessa formação. Além disso, os professores precisam assumir uma nova capacidade de comunicação e reforçar a sua presença no âmbito de um novo espaço público da educação. Nesse contexto, o “bom professor” ganha relevância, definindo-se em função de cinco facetas: conhecimento, cultura profissional, tacto pedagógico, trabalho em equipa e compromisso social. Segundo António Nóvoa, a escola desenvolveu-se no último século por via de um *transbordamento*, acumulando missões e conteúdos e tomando como uma das suas principais referências o discurso da cidadania. Essa foi a via da modernidade escolar, mas a contemporaneidade escolar define-se pelo seu oposto, pelo *retraimento*, devendo a escola concentrar-se no que lhe é específico.

A incomodidade desses apontamentos culmina com uma revisitação de três tempos históricos (1870, 1920 e 1970) e das questões por eles suscitadas, na tentativa de projectar o futuro. Um futuro que se constrói, segundo o autor, substituindo a homogeneidade e a rigidez pela diferença e a mudança; o *transbordamento* por uma nova concepção de aprendizagem; o alheamento da sociedade pelo reforço do espaço público da educação.

Sob a sua direcção, foram também desenvolvidos projectos de análise e divulgação de importantes núcleos documentais ou instrumentos de trabalho para a História da Educação, como *A imprensa de educação e ensino – Repertório analítico (séculos XIX-XX)* (1993), o *Dicionário de educadores portugueses* (2003) e, em conjunto com Ana Teresa Santa-Clara, “*Liceus de Portugal*”. *Histórias, Arquivos, Memórias* (2003). Essas obras de referência contêm elementos fundamentais para o estudo das escolas normais e da História da Formação de Professores, tanto ao nível do ensino primário como do ensino secundário, nomeadamente no que se refere aos reitores, autores de manuais, metodólogos e professores em geral. Além disso, a última referenciada – “*Liceus de Portugal*” –, que compila um conjunto de investigações sobre um tipo particular de organizações escolares – os liceus – muito similares na sua estrutura, organização e funcionamento às escolas normais, assume-se como exemplo representativo, constituindo uma matriz para os estudos a desenvolver sobre as escolas de formação de professores ou outras organizações educativas. O *Repertório*, por seu lado, identifica e apresenta todo um vasto conjunto de publicações periódicas produzidas nas escolas normais e no magistério primário, além de debates sobre a formação de professores noutras revistas do campo pedagógico. O *Dicionário*, finalmente, dá visibilidade a um número avultado de figuras mais ou menos conhecidas, directores e professores das escolas de formação, contemplando seus percursos biográficos e profissionais e sua produção académica.

Centrando-nos novamente na preparação de docentes para o ensino elementar, Maria Isabel Baptista, em *O ensino normal primário: currículo, práticas e políticas de formação* (2004), aborda essas três dimensões da formação de professores, traçando a sua evolução em torno desses mesmos três eixos de análise. A autora começa por abordar as vias de chegada ao ofício, prévias à institucionalização da formação de professores, referindo algumas experiências pioneiras nesse âmbito. Embora o currículo, nas suas diferentes versões, esteja sempre presente, grande parte da obra é dedicada à análise da organização, funcionamento e avaliação da componente de prática pedagógica desse mesmo currículo, abordagem esta que representa, pela sua originalidade, o principal contributo do trabalho.

Não obstante a bibliografia anteriormente recenseada, são ainda escassos os estudos monográficos dedicados às instituições portuguesas de formação de professores. A maior parte das escolas normais primárias e escolas do magistério primário não tem nenhum estudo sobre o conjunto da sua história. Uma das poucas investigações globais existentes relativas às instituições específicas de formação de professores foi desenvolvida, no âmbito de uma tese de doutoramento, por Maria João Mogarro – *A formação de professores no Portugal contemporâneo – a Escola do Magistério Primário de Portalegre* (2001). A primeira parte corresponde a uma abordagem geral da formação de professores do ensino elementar em Portugal, tendo por base a legislação produzida sobre essa matéria. A análise dos diplomas oficiais permite traçar o enquadramento legal e, simultaneamente, fixar um quadro de referência para as políticas de formação seguidas. Desse modo, procede-se à sistematização do discurso legal – o discurso do poder – quanto à formação de professores, entre 1942 e 1989, de forma a compreender o sentido lógico subjacente às políticas desenvolvidas. A segunda parte da obra é dedicada à Escola do Magistério Primário de Portalegre (1959-1989), constituindo o seu itinerário em articulação com a cidade e a região em que foi estabelecida. Seguidamente, procede-se a uma análise detalhada da organização e das actividades da escola, nomeadamente das orientações políticas da instituição marcadas pelas personalidades dos seus directores. São abordados temas como a gestão do espaço e do tempo escolares, a estruturação da componente prática do estágio, as normas e as regras impostas, as atitudes e os comportamentos dos actores educativos e os quotidianos escolares. São igualmente estudadas as publicações da escola, de seus alunos e professores, discutindo-se a identidade profissional destes e a natureza dos seus percursos. Tais percursos são marcados, em geral, pelo signo do transitório e do precário, mas a produção de alguns dos docentes nos domínios pedagógico, científico e literário tem uma relevância assinalável no contexto da profissionalização da actividade docente, inserindo-se nas características e percursos da Educação Nova, no nosso país, e nas metamorfoses registradas, sob regimes políticos tão diferentes como a Primeira República e o Estado Novo.

Curiosamente, verifica-se que as escolas superiores de educação de Lisboa, Coimbra e Porto, organizações herdeiras das três instituições de referência na formação de professores, primeiro como escolas normais e depois como escolas do magistério primário, não registam estudos históricos de conjunto, com carácter monográfico, sobre os seus percursos, apesar de algumas obras se debruçarem sobre fases cronologicamente delimitadas dos respectivos itinerários institucionais. Nesse sentido, os estudos que Moreirinhas Pinheiro tem vindo a publicar com

regularidade sobre o ensino normal (entre outros temas) assumem uma singular importância, pois iluminam muitos aspectos da história da educação e resgatam a memória de professores e outras personalidades que marcaram o campo educativo em diferentes momentos. A sua obra tem incidido preferencialmente sobre as escolas normais de Lisboa, e a ele se deve a revelação (e conservação) do valioso património bibliográfico, arquivístico e material hoje à guarda da Escola Superior de Educação de Lisboa, fundamental para a compreensão da formação de professores e da evolução educativa, pedagógica e cultural em Portugal. Essas preocupações marcam a sua obra, desde os estudos iniciais relacionados à temática, com *Do Ensino Normal na cidade de Lisboa (1860-1960)* (1990), passando por *A formação de professores: uma experiência pessoal numa Escola do Magistério* (1993) e *Elementos para o estudo da Escola Normal Primária de Lisboa* (1995), até as publicações mais recentes, das quais se destacam *Textos dispersos sobre educação e cultura* (2004) e *Inventário de livros raros e desconhecidos: memória da Escola Portuguesa (do séc. XVIII ao séc. XX)* (2009).

Por seu lado, Fernando Serra, numa original tese de doutoramento, *Concepções educacionais em tempos revolucionários: uma abordagem histórico-sociológica do ensino primário e da formação de professores em Portugal no pós 25 de abril de 1974* (2004), elegeu como objecto de estudo a Escola do Magistério Primário de Lisboa, abrangendo apenas o período de cinco anos subsequente ao 25 de abril de 1974, sendo os seus pressupostos fundamentalmente de natureza sociológica. A principal preocupação do autor foi tentar compreender as relações estabelecidas entre o contexto político revolucionário e as concepções então desenvolvidas sobre modelos de formação, perfil ideal de professor, concepções pedagógicas e práticas educativas a desenvolver. O autor procura traçar o percurso, nesse contexto, do que considera ser uma concepção socialista (sociocrítica) da educação e de um modelo de educação centrado na criança, sua emergência e apogeu, na fase “quente” da Revolução, até o seu declínio no período da chamada “normalização”. Foi um período intenso, do ponto de vista do combate político-ideológico, e de enorme riqueza e radicalismo, no que se refere às experiências pedagógicas. Para além de um importante conjunto de fontes impressas e documentais, o autor recorreu aos testemunhos orais de vários dos actores envolvidos nos referidos processos.

Outro autor, Luís Mota, com sua tese de doutoramento, *A Escola do Magistério Primário de Coimbra (1942-1989). Entre ideologia, memória e história* (2006), realizou uma investigação que abarca o período que vai do reinício da actividade dessa Escola, em 1942, até a sua extinção em 1989. Tendo optado por fazer incidir o

seu olhar principalmente sobre os discursos sociais dos actores, escolheu como fontes principais uma publicação periódica da escola, *Rumo* (1949-57 e 1959-69), para além dos testemunhos orais de antigos professores e alunos. No primeiro caso, foi dada uma particular atenção às manifestações da ideologia salazarista no contexto da formação, tendo sido prestada uma atenção particular às concepções aí difundidas sobre a mulher e a sua educação. O recurso às entrevistas permitiu, por meio das vozes dos actores (suas descrições e valorizações), uma aproximação ao dia a dia da vida escolar, designadamente no que se refere ao clima relacional, festas, cerimónias e organizações intervenientes.

Um outro contributo é o de Ana Maria Campos, em *O professor liceal oitocentista. A génese de uma profissão* (2006), uma dissertação de mestrado que, recorrendo à documentação de arquivo, procura fazer uma espécie de “pré-história” da formação de professores, ao analisar a formação (científica ou humanística) dos candidatos a docentes (num período anterior à institucionalização da formação pedagógica), as provas públicas de acesso à carreira ou os valores partilhados. Mais recentemente, agora no âmbito de uma tese de doutoramento, *A formação inicial dos professores do ensino primário no Portugal do século XX (1942-2000). Do modelo maternal ao modelo profissional*, Raul da Silva Mendes (2008) lançou um olhar panorâmico sobre a formação, tomando como referência uma eventual transição entre os dois modelos de professor a que o autor se reporta e que marcam presença no título – o “modelo maternal” e o “modelo profissional”.

Nos últimos anos, designadamente no âmbito de projectos de investigação, têm sido publicadas algumas obras colectivas que podemos aqui assinalar. Um exemplo é a colectânea *A Escola Normal de Lisboa e a formação de professores: arquivo, história e memória*, organizada por Joaquim Pintassilgo e Lurdes Serrazina (2009). Esse livro reúne um conjunto de textos resultantes de pesquisas diversas sobre a Escola Normal Primária de Lisboa, depois Escola do Magistério Primário e, actualmente, Escola Superior de Educação. Uma parte dos textos decorre da colaboração entre investigadores portugueses e brasileiros, a qual expressa o intercâmbio que, nos últimos anos, tem envolvido ambas as comunidades. Os referidos textos analisam algumas das dimensões que caracterizaram historicamente a vida da escola e definiram a sua cultura própria, como a relação com as políticas educativas, as transformações curriculares, as alterações nos modos de direcção, a origem social dos alunos (alunas, maioritariamente), os ideais profissionais difundidos, as publicações dinamizadas ou a memória dos actores. Uma atenção muito particular foi dada à rica documentação de arquivo que a escola alberga, tendo em vista a sua preservação e valorização.

Mais recentemente, a obra *A formação de professores em Portugal*, de autoria de Joaquim Pintassilgo, Maria João Mogarro e Raquel Pereira Henriques (2010), igualmente editada pela Colibri, procura traçar, para o caso português, o percurso histórico da formação de professores, tanto ao nível do ensino primário como ao nível do ensino secundário. O olhar sobre as instituições, na tentativa de caracterizar os modelos de formação que lhes estavam subjacentes, teve em vista um aprofundamento da reflexão sobre algumas das grandes questões que atravessaram, na longa duração, a formação de professores e com que esta continua a confrontar – designadamente a articulação entre as diversas componentes da formação, a interacção entre a teoria e a prática, a relação entre os saberes de referência e as disciplinas curriculares, o enquadramento institucional desejável para a formação ou a organização do estágio profissional. Trata-se de uma espécie de manual didáctico, que inclui, para além da síntese histórica, uma antologia com excertos de documentos diversos e uma revisão da literatura.

Não abordando especificamente a formação de professores, embora com amplas ligações ao tema, merece destaque, igualmente, o livro *Para uma história social do professorado primário em Portugal no século XX. Uma nova família: o Instituto do Professorado Primário Oficial Português*, de autoria de Margarida Louro Felgueiras (2008). É uma obra dedicada ao estudo de uma instituição resultante, em parte, da iniciativa do movimento associativo dos professores de instrução primária, embora tivesse sido enquadrada, posteriormente, pelo poder político. Fundado pela professora Amália Luazes, em 1916, o Instituto tinha finalidades simultaneamente assistenciais e educativas, ao objetivar acolher filhas de professores primários tendo em vista a sua educação. Essa pesquisa situa-se numa área pouco cultivada em Portugal, não obstante o pioneirismo de António Nóvoa – a história social da educação. A atenção dedicada às jovens e aos jovens que viveram vários anos da sua vida escolar como internas e internos do Instituto, designadamente no que se refere às suas origens geográficas, sociais e familiares, é, a esse propósito, exemplar. Merece destaque, também, a parte do trabalho que toma como objecto de estudo a vida organizacional do Instituto, na tentativa de captar o “ethos” ou “espírito” daquilo a que a autora chama de uma “grande família”, descrevendo o quotidiano das vivências no internato, os espaços em que tudo acontecia, as regras e as relações de poder estabelecidas, os rituais identitários, as sociabilidades e as manifestações de resistência, bem como as práticas dos diversos actores envolvidos. Entre um conjunto diversificado de fontes, realçamos as 30 entrevistas realizadas a actores ligados à vida da instituição.

Em capítulos de livros e artigos de revistas da especialidade, têm sido desenvolvidos, recentemente, estudos

sobre temas mais específicos. A importância dos arquivos escolares das instituições de formação assumem uma visibilidade crescente, pela riqueza de informação que os seus documentos contêm para o estudo da vida interna das escolas de formação, como se realça no texto de Maria João Mogarro e Iomar Zaia, *Do palácio ao calvário: escolas de formação de professores em Portugal no século XIX* (2009), e no artigo de Maria João Mogarro, *Archives and education. The construction of educational memory/Arquivo e educação. A construção da memória educativa* (2006a).

Por seu lado, os testemunhos orais, as histórias de vida e as memórias de professores constituem hoje uma abordagem consistente, em articulação com outras fontes de informação, permitindo inscrever a experiência e as vivências pessoais do passado nas realidades educativas e nos processos de formação. Essa perspectiva é desenvolvida em estudos de Maria João Mogarro, *Memórias de professores: discursos orais sobre a formação e a profissão* (2005), e de Helena Costa Araújo, *Pioneiras na educação: as professoras primárias na viragem do século – contextos, percursos e experiências, 1870-1933* (2000), entre outros. Neste último caso, trata-se de uma obra pioneira sobre o processo de feminização do professorado primário, cuja análise centra-se no período de transição entre o século XIX e o século XX. A autora analisa, entre outros temas, o “maternalismo”, ou seja, a construção das representações sobre a adequação do perfil feminino à actividade docente.

Os manuais de pedagogia, metodologia e didáctica têm também sido objecto de um interesse renovado, assim como os de outras disciplinas dos cursos de formação para o ensino primário, salientando-se o processo de articulação estabelecido entre a sua análise e o estudo da vida e do pensamento dos seus autores. Nesse sentido, destacam-se os artigos *Manuais de pedagogia e inovação educativa no primeiro terço do século XX*, de Joaquim Pintassilgo (2006), e *História da Educação e formação de professores em Portugal (1862-1930)*, de Maria João Mogarro (2006c); a dissertação de mestrado “*Tacto*”, “*bom senso*” e “*prudência*” nos manuais de pedagogia e didáctica do magistério primário: a dimensão hermenêutica do trabalho do professor (Portugal, 1870-1950), de Laura Girão (2005); o estudo comparativo *Manuais pedagógicos – Portugal e Brasil – 1930 a 1971 – Produção e circulação internacional de saberes pedagógicos*, de António Carlos Correia e Vivian Baptista da Silva (2002); finalmente, a tese de doutoramento desta última, *Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)* (2006). Tais publicações concentram a sua atenção na produção das primeiras décadas do século XX, mas não ignoram os autores dos manuais que publicaram

nos anos seguintes, como Moreirinhas Pinheiro, Manuel Inácio Pestana ou Fortunato Queirós, nomeadamente na fase de afirmação dos manuais de didáctica especial. Em todos os casos, procuram reflectir sobre quais os saberes considerados legítimos e propostos como adequados para a formação do “bom” professor, denotando uma particular atenção à circulação internacional de ideias educativas.

As bibliotecas de natureza pedagógica, quer das instituições de formação, quer de dimensão particular, vêm sendo analisadas à luz da cultura profissional dos professores, enquanto lugares de formação que nos permitem compreender o universo cultural e pedagógico em que se moveram os seus utilizadores (alunos e professores das escolas normais), articulando-se estreitamente com os contextos educativos em que foram constituídas. As obras nacionais e estrangeiras que as compõem remetem para a posição que as instituições portuguesas de formação de professores ocupavam nos processos (internacionais) de produção, circulação e apropriação de ideias e modelos pedagógicos e culturais e para as formas como foram utilizadas pelos formadores de professores (em muitos casos, autores de manuais) tendo em vista a elaboração de uma cultura profissional própria, como sublinha Maria João Mogarro, em *Bibliotecas particulares e saberes pedagógicos: circulação e apropriação de saberes culturais* (2006b) e *Livros, leituras e inovação pedagógica – a circulação de modelos culturais e o papel das bibliotecas particulares na formação de professores* (2006d).

As questões de género, já anteriormente referidas, em estreita sintonia com a educação feminina privilegiada nas escolas normais e do magistério primário, têm-se também afirmado como um interessante segmento de investigação, quer numa dimensão mais abrangente, com *História das organizações femininas no Estado Novo*, de Irene Pimentel (2000), quer como expressão de um universo esmagadoramente feminino entre o corpo discente das escolas de formação, objecto do estudo de Maria João Mogarro e Silvia Martinez, em *Os primeiros estudantes do ensino normal: origens sociais e formação de professores na segunda metade do século XIX em Portugal* (2009), e de Maria João Mogarro, em *Ser professora em Portugal nos anos sessenta: representações e discursos femininos na imprensa pedagógica* (2010).

A construção do tempo escolar e a sua vivência por alunos e professores marcou os ritmos da própria formação, que visava ao exercício da profissão, enquadrado por um perfil claramente definido para ser professor(a). O tempo nas escolas normais (mais tarde, escolas do magistério primário) é multidimensional: a idade escolar; a duração do curso; o ciclo anual das actividades educativas e o calendário anual dos acontecimentos que marcavam a vida da instituição; as unidades convencionais do tempo

escolar curto (semana, dia, hora) que compunham os horários semanais e diários, regulando a distribuição de actividades, conteúdos, relações sociais e pessoais. O uso racional do tempo regulou os ritmos quotidianos do trabalho pedagógico e do processo de aprendizagem de ser professor(a); marcou o funcionamento de uma cultura escolar, de uma gramática educativa; enquadrou a socialização de valores culturais e sociais e a adopção de normas e regras específicas da profissão, como se desenvolve no capítulo *Tempo de formação, ritmos da profissão: o tempo nas escolas normais em Portugal*, de autoria de Maria João Mogarro (2008b).

Para além dos tempos lectivos, a actividade escolar foi marcada por comemorações, rituais e quotidianos que destacaram a existência das instituições de formação de professores, nos vários períodos históricos em que se inscreve o seu funcionamento. A análise dos discursos que os actores educativos produziram sobre a vida escolar diária permite conhecer os valores, as normas e as regras que enquadraram os processos de formação e a actividade profissional – sabemos que, durante o Estado Novo, estabeleceu-se um regime fortemente disciplinar, baseado nos valores fundamentais do catolicismo conservador e do nacionalismo, e desenvolveram-se mecanismos rigorosos de controlo sobre os comportamentos e as atitudes; após 1974, essa dimensão da vida escolar passou para o sentido oposto, sendo marcada pelos princípios da liberdade e da autonomia –, temas esses desenvolvidos por Maria João Mogarro no artigo *Comemorações, rituais e quotidianos na formação de professores (1959-1989)* (2008a).

A atenção conferida aos alunos e alunas do ensino normal prende-se com a própria construção da identidade profissional; nesse sentido, os primeiros estudantes das escolas normais revelam, nas suas origens sociais e nos seus percursos juvenis, as condições em que se institucionalizou e consolidou o ensino normal. A pobreza era o meio comum de origem para a maioria desses jovens da segunda metade do século XIX. No caso das raparigas, os asilos era a instituição que as tinha acolhido e amparado, assegurando-lhes uma formação adequada e motivando-as a prosseguirem nos estudos, se tivessem demonstrado capacidade para tal, como destacam Maria João Mogarro e Silvia Martínez, no artigo *Unprotected girls and teacher training in Portugal in the second half of the 19th century* (2009). Essa fase inicial foi ainda marcada pelo regime de internato e pela polémica em torno dele. A escola normal constituía uma perspectiva profissional risonha para as jovens institucionalizadas nos asilos e, em geral, para os rapazes e raparigas pobres que aspiravam a uma promoção social por meio de uma profissão reconhecida e valorizada. Em outros períodos históricos, os discursos estudantis permitem-nos apreender a permanência e a mudança dessas características.

A situação dos cursos de formação de professores, na actualidade, nos dois subsistemas do ensino superior, politécnico e universitário, foi analisada, por via da presença da área disciplinar de História da Educação, nos diversificados planos de estudos, em dois textos: um de autoria de Maria João Mogarro, *A História da Educação nos currículos de formação de professores: consolidar a História da Educação, pela construção de identidades* (2007), e outro da responsabilidade de Maria Teresa Santos, *Perfil da História da Educação: conflito entre o empobrecimento efectivo e o potencial objectivo* (2007). Essa análise foi realizada no âmbito do terceiro Encontro Nacional de História da Educação, uma iniciativa da Secção de História da Educação da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, em 2005, no decurso da qual se procedeu à reflexão, ao debate e às perspectivas da investigação relativamente à área, à educação e, em particular, à formação de professores.

As fontes documentais relativas à formação de professores do ensino primário e elementar situam-se, principalmente, nas instituições herdeiras das escolas normais e escolas do magistério primário – as universidades ou os institutos politécnicos e as suas escolas superiores de educação, a quem compete, por força de lei, a guarda e a preservação do arquivo e património das antigas escolas do magistério, a partir dos quais é possível reconstruir o percurso e actividade das instituições de formação de professores. Os escassos estudos sobre essas escolas estão também relacionados com o nosso desconhecimento, relativamente ao seu estado de conservação e organização, com excepção daquelas que já foram objecto de estudo (Lisboa, Coimbra e Portalegre). O facto de terem existido escolas do magistério primário em todas as capitais de distrito, assim como as escolas de habilitação para o magistério primário do final da monarquia, e que a República extinguiu, dá-nos a dimensão do universo ainda inexplorado do ponto de vista da pesquisa científica e, por enquanto, votado ao esquecimento.

O Ministério da Educação possui ainda importantes fundos documentais, decorrentes da sua tutela, sobre as escolas de formação de professores, a partir da constituição desse Ministério, em 1913. Até esta data, a documentação produzida no âmbito do ensino normal, à guarda do poder central, está depositada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, nos fundos relativos ao Ministério do Reino, Direcção Geral de Instrução Pública, Escolas Normais. Nesse fundo documental, encontram-se processos dos alunos e alunas que se candidataram à Escola Normal de Marvila e à Escola Normal do Calvário; ofícios da correspondência expedida e recebida pelas duas escolas normais; listas de alunos admitidos e de alunos que frequentavam as escolas; provas de exame realizadas pelos alunos e classificações por eles obtidas; editais de

abertura de concursos de admissão; declarações de alunos; requerimentos de alunos solicitando apoios monetários, material didáctico e de uso pessoal ou a readmissão à frequência da escola; actas de júris de exames. Por razões históricas, esses documentos pertencem aos fundos do Arquivo Nacional português. No entanto, a sua natureza e tipologia são muito semelhantes às dos documentos que se encontram nos arquivos escolares, fornecendo o mesmo tipo de informações. São particularmente interessantes os processos de candidatura ao concurso para alunos e alunas pensionistas e porcionistas das duas escolas de Lisboa, que concedem informações detalhadas sobre o perfil dos jovens que pretendiam frequentar o curso de formação para professores, nas primeiras décadas do seu funcionamento. Cada um dos processos está instruído com um requerimento do(a) aluno(a) dirigido ao rei, em que requeria admissão ao concurso, juntando outros documentos, como atestado de bom comportamento moral e cívico; atestado relativo à boa prática dos preceitos católicos; certificados das habilitações académicas; atestado médico e certidão de nascimento; documentos da responsabilidade das autoridades políticas e administrativas, religiosas e sanitárias.

O estudo da formação de professores tem de ser elaborado a partir de fontes muito diversificadas, tais como textos legais e documentos oficiais, regulamentos, estatísticas, relatórios técnicos, documentos de circulação interna, documentos administrativos (organizados em livro, dossier ou avulsos) de arquivo, livros, artigos de jornais e revistas, poesias, publicações várias de natureza educativa, tal como trabalhos científicos, pedagógicos e culturais, materiais didácticos e escolares, objectos muito diversos que povoam o universo dos artefactos materiais, fotografias e outros documentos de natureza iconográfica, aos quais se juntam testemunhos orais de professores e alunos. Essas fontes são múltiplas e têm suportes de natureza variada, reflectindo a própria multidimensionalidade e complexidade da realidade educativa, assim como a diversidade e pluralidade dos meios de intervenção dos actores educativos que produziram os diferentes discursos. As diversas perspectivas que esses documentos permitem apreender sobre a formação de professores do ensino primário e secundário contribuíram para uma riqueza de dados e de análise que se considera pertinente sublinhar. A diversidade de fontes implicou o cruzamento das informações por elas fornecidas, tarefa necessária, mesmo imprescindível, para estabelecer a inteligibilidade dos factos que lhes estavam subjacentes.

A imprensa pedagógica constitui um *corpus* de grande relevância para a compreensão do campo educativo, pois é um veículo privilegiado para os professores e pedagogos fazerem ouvir as suas vozes, ao mesmo tempo em que se revelam, nas suas páginas, as diversas dimensões do

sistema formativo. Ao longo dos anos, praticamente todas as escolas de formação de professores tiveram as suas revistas, que constituíram formas de expressão dos seus docentes e alunos e corporizaram modos específicos de organização, funcionamento e expressão, sendo arautos de um ideário especialmente orientado para os docentes desse nível de ensino.

Muitos periódicos foram publicados, mas destaca-se aqui a revista *Escola Portuguesa* (1934-1974), da responsabilidade dos organismos governamentais que tutelavam o ensino primário. Nas suas páginas, apareciam artigos que condensavam as ideias oficiais sobre a educação nacional e os objectivos que se colocavam, então, ao sistema educativo, articulados em torno da necessidade de direcção e formação dos agentes educativos. Essa revista era um instrumento oficial importante, pois, simultaneamente ao papel que desempenhava na estratégia oficial de enquadramento dos professores, constituía um indispensável meio de informação para estes, publicando, nas suas páginas, todos os aspectos relativos à sua actividade profissional (numa secção intitulada “Do Diário do Governo”). A sua leitura era, na prática, obrigatória para os docentes do ensino primário.

A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO SECUNDÁRIO

Em relação à formação de professores do ensino secundário, podemos assinalar, como obra de conjunto, *Formação de professores do ensino secundário (1901-1988). Legislação essencial e comentários*, de autoria de Luís António Pardo (1992). Trata-se, no essencial, de uma colectânea da principal legislação dedicada a esse sector, antecedida, em cada momento, por comentários do autor. Depois de referências breves aos antecedentes, no final de oitocentos, do processo de profissionalização, Luís António Pardo apresenta e analisa os sucessivos sistemas de formação (concretizados ou tentados): Curso de Habilitação para o Magistério Secundário (1901), Escolas Normais Superiores (1911), Projecto Camoesas (1923), Secções de Ciências Pedagógicas das Faculdades de Letras e Liceus Normais (1930) e Ramo de Formação Educacional das Faculdades de Ciências (1971), Licenciaturas em Ensino das Universidades Novas (1978) e Formação Inicial nas Faculdades de Letras (1987), para além da Profissionalização em Exercício (1980), da Formação em Serviço (1985) e da Profissionalização em Serviço (1988).

Na sua tese de doutoramento, intitulada *Modelos e sistemas de formação de professores do ensino secundário português* (1991), esse autor já tinha reflectido teoricamente sobre modelos de formação de professores, procurando articulá-los aos sistemas concretizados em Portugal. O

autor teve em conta cinco modelos de formação: modelo da reprodução, modelo dualista, modelo da integração, modelo da experiência e modelo da autoformação. Ele procura caracterizá-los, para além de os comparar com as classificações propostas por outros autores, como João Evangelista Loureiro (modelos tri-etápico, bi-etápico e integrado) e João Formosinho (modelos empiricista, teoricista, compartimentado e integrado). Nessa caracterização, Luís António Pardal considerou quatro variáveis: estratégias de formação, perfil do formador, avaliação e papéis esperados do professor.

Joaquim Ferreira Gomes é, como já assinalámos, outro dos autores que se dedicou ao estudo da formação de professores para esse nível de ensino, em particular no que se refere à sua formação psicopedagógica e aos modelos de ensino sucessivamente desenvolvidos (1977, 1995a, 1995b). A principal obra de Joaquim Ferreira Gomes sobre a temática é, no entanto, o volume intitulado *A Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra (1911-1930)* (1989), que constitui a única monografia existente sobre essas instituições de formação. Apesar de explicitamente dedicada à escola de Coimbra, podemos aí encontrar, igualmente, abundantes referências à Escola Normal Superior de Lisboa. Para além de recorrer às fontes legais, o autor utiliza a imprensa de educação e ensino, em particular a revista *Arquivo Pedagógico. Boletim da Escola Normal Superior de Coimbra (1927-1931)*, e documentação do riquíssimo Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra, que reúne – e não se pode esquecer – os *Livros de sumários*, de 1912 até 1975, incluindo os das Ciências Pedagógicas, permitindo perceber quem eram os professores dessas disciplinas e o que era sumariado, assim como as alterações subtis que foram sendo introduzidas. Para além do percurso histórico da instituição, é feita uma análise particular da Biblioteca da Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra e, ainda, das teses para o concurso de admissão, conferências, trabalhos práticos, exercícios escritos, excursões científico-pedagógicas, dissertações e relatórios para os exames de Estado.

Outro autor, João Evangelista Loureiro, também reflectiu sobre o percurso histórico dos modelos de formação de professores do ensino secundário em Portugal, num conjunto de ensaios coligidos na obra *A procura de uma pedagogia humanista* (1990). Merecem destaque, a esse propósito, os textos *Pressupostos da carreira docente: modelos de formação e História das instituições da formação de professores em Portugal*. Num dos volumes da *Obra completa*, de Rui Grácio (1995), encontramos, igualmente, abundantes reflexões sobre os professores do ensino liceal e a sua formação no decisivo período de transição entre o Estado Novo e a democracia, em particular no contexto da Reforma Veiga Simão.

Mais recentemente, a principal obra parcialmente dedicada ao tema é *Discursos legais e práticas educativas. Ser professor e ensinar história (1947-1974)*, de autoria de Raquel Pereira Henriques (2010). O principal objecto de estudo é constituído pelos professores de história num período de cerca de três décadas, que vai da reforma de 1947 do ensino liceal aos anos subsequentes ao 25 de abril de 1974. Em relação à formação de professores, a autora utiliza, em particular, documentação existente no arquivo e biblioteca do antigo Liceu Normal (actual Escola Secundária) de Pedro Nunes, designadamente trabalhos de estágio e conferências pedagógicas, e nos arquivos históricos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Universidade de Coimbra, avultando, em especial, nesse caso, os livros de sumários. Como é sabido, o modelo de formação vigente entre 1930 e os anos 70 tinha por base uma divisão clara entre a chamada “cultura pedagógica”, proporcionada, em geral, pelas secções de Ciências Pedagógicas das Faculdades de Letras, e a “prática pedagógica” desenvolvida em Liceus Normais (em Coimbra, Lisboa e, finalmente, no Porto). A análise dos sumários das disciplinas teóricas leccionadas em contexto universitário permitiu-lhe, com as limitações que esse tipo de fonte contém, aproximar-se dos conteúdos ensinados por professores como Delfim Santos e Émile Planchard, entre outros, e dos problemas organizacionais que atingiam essas aulas.

Ainda mais interessante, pela maior riqueza das fontes, é a reflexão promovida sobre a organização e funcionamento do estágio. Sob a orientação de professores metodólogos, por área disciplinar, os estagiários assistiam às aulas, planeavam e desenvolviam actividades lectivas, participavam da vida do estabelecimento e dinamizavam outras actividades para a comunidade educativa. Os relatórios e trabalhos de estágio dão conta das práticas educativas consideradas legítimas, mas também de alguns esforços de inovação, de alguma maneira permitidos (e, por vezes, incentivados) num ambiente experimental como era o do Liceu Normal. O estágio não remunerado e de dois anos até o final dos anos sessenta, ao qual se acedia por um selectivo exame de admissão, tinha como ritual de finalização o emblemático exame de estado. Na parte seguinte do seu trabalho, Raquel Henriques desenvolve uma interessante reflexão sobre as práticas educativas dos professores de história, tendo por base cerca de sete dezenas de relatórios de professores, agregados e auxiliares, elaborados entre 1947 e 1969, na sequência do estabelecido pelos dispositivos legais. Se a aproximação às práticas que esses documentos destinados à inspecção permitem é complexa e discutível, igualmente é verdade que eles nos possibilitam alguma aproximação à interpretação que os professores fazem do seu trabalho docente, muitas vezes num discurso contido, mas, ainda, por vezes, curiosamente desassombrado.

Várias outras são as obras, muitas delas originalmente teses e dissertações, em que a formação de professores do ensino liceal surge abordada, pelo menos parcialmente, mesmo quando não é o principal objecto de estudo, pelo que devem ser aqui referenciadas. José Manuel Resende, em *O engrandecimento de uma profissão: os professores do ensino secundário público no Estado Novo* (2003), uma investigação que recorre a pressupostos teóricos oriundos fundamentalmente da sociologia, faz uma densa incursão no processo de construção de representações por parte da elite dos professores liceais, em especial por via da sua imprensa, no sentido de legitimar e valorizar a profissão no difícil contexto do Estado Novo.

No que se refere a estudos monográficos sobre as instituições de formação, o principal trabalho é o de Mário de Sousa Oliveira, *A formação de professores no Liceu Normal de Pedro Nunes* (1992), uma dissertação de Mestrado que toma como objecto de estudo o emblemático Liceu Normal de Lisboa. O autor analisa o enquadramento legal da formação, tal como foi definida a partir de 1930, e, com a documentação do arquivo histórico da instituição, procura aproximar-se das práticas educativas desenvolvidas, por metodólogos e estagiários, no âmbito da prática pedagógica e respectiva avaliação. Uma monografia, ainda que fragmentada, da mesma instituição, foi elaborada, em contexto comemorativo, por uma antiga professora e autora de manuais, Maria Luísa Guerra, em *Liceu Pedro Nunes no centenário da sua criação. 1905-1906* (2005). Reflexões originais sobre o projecto educativo do mesmo liceu, ainda que não especificamente sobre a formação, podem ser encontradas na monumental obra de Jorge Ramos do Ó, *O governo de si mesmo. Modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX)* (2003). Luís Grosso Correia, em *Récita do liceu Rodrigues de Freitas/D. Manuel II: 1932-1973* (2002), dedica um capítulo à formação de professores desenvolvida nesse estabelecimento da cidade do Porto.

Joaquim Pintassilgo tem produzido, nos últimos anos, um conjunto de reflexões, em artigos e capítulos de obras colectivas, sobre a construção da profissão, categorias usadas na sua definição, os valores e a identidade profissional, as associações e a imprensa dos professores e os modelos de formação no âmbito do ensino liceal (PINTASSILGO, 2002a, 2002b, 2005), todas sistematizadas em grande medida no âmbito de um trabalho académico recente (PINTASSILGO, 2011). Merece, nesse contexto, igualmente destaque a obra já referenciada, porque também dedicada ao ensino primário, *A formação de professores em Portugal* (PINTASSILGO; MOGARRO; HENRIQUES, 2010).

Relativamente à formação profissional dos professores do ensino liceal e secundário, as fontes documentais encontram-se, à semelhança do que acontece para os professores do ensino elementar, preferencialmente nos arquivos das instituições que asseguraram essa formação. Os tipos de documentos, assim como a problemática em torno da sua validade e pertinência, situam-se em linha com as preocupações já enunciadas, sublinhando-se o facto de o seu conteúdo ser marcado pelos problemas do ensino de nível secundário. Nesse contexto, assumem particular importância os arquivos dos antigos Liceus Normais de Lisboa, Coimbra e Porto, que possuem inclusive as produções dos professores estagiários, fundamentais para a compreensão dos processos formativos. Os arquivos das Faculdades de Letras também são importantes locais de memória, pois têm à sua guarda a documentação relativa ao curso superior de Letras, às Escolas Normais Superiores e à 3ª secção (Ciências Pedagógicas), a qual possibilita o desenvolvimento de estudos sobre os professores das disciplinas das Ciências Pedagógicas, os alunos que aspiravam à formação profissional, os trabalhos que lhes eram prescritos ou os processos de avaliação. No entanto, o facto de esses arquivos não estarem organizados e de essa documentação estar totalmente inventariada limita fortemente as possibilidades da investigação.

O Arquivo Histórico do Ministério da Educação guarda, ainda, importante documentação, nomeadamente os relatórios de reitores e os relatórios anuais das actividades escolares dos professores não efectivos, enviados à inspecção com os comentários dos reitores dos respectivos liceus. Os primeiros traçam o retrato das respectivas instituições escolares, nomeadamente no que se refere a professores (serviço distribuído, dimensão das turmas, exames, etc.), enquanto os segundos revelam dimensões significativas do trabalho docente, como horários, metodologias, vida escolar e melhorias introduzidas pelos docentes nas suas práticas.

A imprensa pedagógica acaba por fornecer informações diversas e, simultaneamente, muito úteis ao tema aqui abordado. Em relação ao modelo das Escolas Normais Superiores, a revista *Arquivo Pedagógico. Boletim da Escola Normal Superior de Coimbra (1927-1930)* mostra-se de extrema utilidade. Para além de abundantes artigos sobre o ensino secundário e a didáctica específica de várias disciplinas, encontramos aí documentação produzida pelos seus órgãos, ao longo do atribulado percurso da instituição. O último número inclui um longo texto do seu último director, Eusébio Tamagnini, intitulado *A extinção das escolas normais superiores*, no qual faz um circunstanciado relato do referido processo, mesclado de observações críticas. Em geral, para o conjunto do período aqui analisado, o *Anuário* da Universidade de Lisboa revela-se, igualmente, de extrema utilidade, ao incluir

relações de professores e de alunos, dados estatísticos, relatórios e legislação, entre outros elementos.

Para o período correspondente ao Estado Novo, são imprescindíveis as revistas *Labor*, *Boletim do Liceu Normal de Lisboa* (Pedro Nunes) e *Palestra*. No primeiro caso, estamos a falar de um verdadeiro “monumento” da imprensa de educação e ensino, uma publicação que, ao longo de todo esse difícil período, consegue ser a expressão das opiniões e sentimentos do professorado liceal, mantendo um relativo distanciamento em relação ao poder político autoritário. Os artigos sobre a profissão, a formação e o trabalho dos professores são frequentes. As duas últimas, porque órgãos do Liceu Normal, veiculam, para momentos diferentes, um importante manancial de informações sobre a formação desenvolvida naquele contexto, designadamente nos estágios pedagógicos (conferências pedagógicas, exames de Estado, etc.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O balanço relativo à produção historiográfica sobre a História da Formação de Professores permite-nos vislumbrar alguns dos caminhos que têm sido tomados pela disciplina no seu conjunto. A aproximação a esse objecto de estudo começou, nos anos 70, com alguns trabalhos pioneiros que nos deram a conhecer o quadro institucional. A tese de António Nóvoa (1987) trouxe para o campo um diálogo, que mantém algumas das suas potencialidades, entre a História e a Sociologia, seguido por outros autores. O conhecimento do grupo profissional só tem a ganhar com o contributo desse olhar. Além disso, esse trabalho colocou os professores no centro da agenda da investigação. A consciência de que os actores, designadamente os professores, são um elemento central da educação e de que, longe de estarem reféns do contexto, contribuem, por via das suas representações e das suas práticas quotidianas, para as transformações educativas tornou-se um dado incontornável. Finalmente, esse estudo trouxe, para o nosso campo, uma nova maneira de conjugar diferentes temporalidades.

O debate sobre a profissão e o processo de profissionalização permitiu olhar para os professores a partir de novos ângulos, embora com o risco de os encerrar numa espécie de narrativa da salvação. Daí a necessidade permanente de problematizar conceitos e questionar resultados de pesquisa. A valorização da formação de professores, como dimensão fulcral do referido processo, conduziu o nosso olhar para as escolas de formação de professores. O contributo das abordagens organizacionais foi, aqui, decisivo, na busca de nos aproximarmos dos seus projectos educativos, das suas culturas, das suas identidades, ainda que, a esse nível, muito esteja por

fazer. Diversas foram as dimensões analisadas em alguns desses trabalhos: as lideranças e os respectivos estilos, o currículo e a organização pedagógica, os modelos e as práticas de formação, os valores e as ideologias, os quotidianos escolares, entre outras.

Voltando aos professores, ou melhor, aos formadores de professores (também aos alunos-mestres), os olhares sobre eles foram-se desdobrando e complexificando. Passamos a ter interesse pelas suas origens sociais, percursos de formação, produção intelectual (em particular, nesta área, como autores de manuais ou articulistas da imprensa pedagógica), concepções pedagógicas, além da maneira como planeavam e geriam as suas aulas, dos materiais didácticos (inclusive na sua materialidade) a que recorriam, das suas memórias e da forma como reconstruíam os percursos profissionais, as actividades associativas. A consciência de que o género faz (alguma) diferença penetrou vários estudos, levando-a a olhar para as mulheres professoras, para as representações sobre o ser professora, para os discursos femininos. Alguns trabalhos esboçam outra aproximação ao trabalho dos professores (no seu contexto mais pleno, a sala de aula), à “cultura empírica” que o define, às tradições docentes, mas também às inovações que com elas se mesclam, aos rituais que suportam e dão sentido às práticas quotidianas (de alunos e professores) e sua relação com os espaços. A inspiração da antropologia é aqui fundamental.

Algumas investigações diluem as fronteiras (e as identidades), preocupando-se com a circulação internacional de ideias e de práticas idealizadas, com as diferentes maneiras como são apropriadas pelos actores nos seus respectivos contextos. Há a consciência de que os educadores foram circulando, cada vez mais, por um espaço físico e simbólico gradualmente alargado. As suas bibliotecas, as bibliotecas das escolas normais, as páginas dos manuais de pedagogia, são testemunhas silenciosas dessas viagens. Ser professor é uma actividade complexa, o que tem implicado o recurso a novas categorias para a sua compreensão histórica e para a reabilitação de categorias aparentemente tradicionais (como vocação ou tacto pedagógico).

Ao longo desses percursos, “inventaram-se” “novas” fontes, como actas de conselhos, livros de correspondência, trabalhos de estagiários, exames de Estado, fotografias (de espaços, de professores, de alunos), materiais didácticos, testemunhos orais e bastantes outras. Para muitos dos autores referenciados, os olhares para o passado da profissão e da formação foram mantendo um permanente diálogo com as inquietações e as esperanças do presente e do futuro, como se pensar a profissão implicasse um olhar conjugado para temporalidades diversas que se interpenetram.

REFERÊNCIAS

- ADÃO, Áurea. **O estatuto sócio-profissional do professor primário em Portugal (1901-1951)**. Oeiras: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1984.
- ARAÚJO, Helena Costa. **Pioneiras na educação: as professoras primárias na viragem do século – contextos, percursos e experiências, 1870-1933**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2000.
- BAPTISTA, Maria Isabel. **O ensino normal primário: currículo, práticas e políticas de formação**. Lisboa: Educa, 2004.
- CAMPOS, Ana Maria. **O professor liceal oitocentista. A gênese de uma profissão**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2006.
- CORREIA, António Carlos; SILVA, Vivian Baptista. **Manuais pedagógicos – Portugal e Brasil – 1930 a 1971 – Produção e circulação internacional de saberes pedagógicos**. Lisboa: Educa, 2002.
- CORREIA, Luís Grosso. **Récita do liceu Rodrigues de Freitas/D. Manuel II: 1932-1973**. Tese (Doutoramento) – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2002.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Para uma história social do professorado primário em Portugal no século XX**. Uma nova família: o Instituto do Professorado Primário Oficial Português. Porto: Campo das Letras, 2008.
- FERNANDES, Rogério. **Educação: uma frente de luta**. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.
- _____. **Ensino: sector em crise**. Lisboa: Prelo, 1967.
- _____. **Situação da educação em Portugal**. Lisboa: Moraes, 1973.
- GIRÃO, Laura. **“Tacto”, “bom senso” e “prudência” nos manuais de pedagogia e didáctica do magistério primário: a dimensão hermenêutica do trabalho do professor (Portugal, 1870-1950)**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2005.
- GOMES, Joaquim Ferreira. **A Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra (1911-1930)**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1989.
- _____. **Apontamentos para a história da formação psicopedagógica dos professores do ensino secundário**. Dez Estudos Pedagógicos. Coimbra: Almedina. 1977. p. 251-286.
- _____. **Escolas normais para habilitação de professores primários**. Estudos para a história da educação no séc. XIX. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1996. p. 11-59.
- _____. O ensino da pedagogia e psicologia nas escolas normais primárias (1862-1974). In: FERNANDES, Rogério; ADÃO, Áurea (Org.). **Leitura e escrita em Portugal e no Brasil**. 1500-1970. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1998. v. III, p. 199-202.
- _____. O ensino da psicologia e da pedagogia nas universidades portuguesas de 1911 a 1973. In: _____. **Para a História da Educação**. Seis Estudos. Porto: Porto, 1995a. p. 81-106.
- _____. Três modelos de formação de professores do ensino secundário. In: _____. **Para a História da Educação**. Seis Estudos. Porto: Porto, 1995b. p. 109-125.
- GRÁCIO, Rui. **Obra completa**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.
- GUERRA, Maria Luísa. **Liceu Pedro Nunes no centenário da sua criação. 1905-1906**. Lisboa: Edição do Autor, 2005.
- HENRIQUES, Raquel Pereira. **Discursos legais e práticas educativas. Ser professor e ensinar história (1947-1974)**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010.
- LOUREIRO, João Evangelista. História das instituições da formação de professores em Portugal. In: _____. **À procura de uma pedagogia humanista**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990a. p.137-162.
- _____. Pressupostos da carreira docente: modelos de formação. In: _____. **À procura de uma pedagogia humanista**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990b. p. 95-102.
- MENDES, Raul da Silva. **A formação inicial dos professores do ensino primário no Portugal do século XX (1942-2000)**. Do modelo maternal ao modelo profissional. Tese (Doutoramento) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2008.
- MOGARRO, Maria João. A formação de professores durante o Estado Novo – do enquadramento legal à vida escolar. In: MAGALHÃES, Justino (Org.). **Fazer e ensinar história da educação em Portugal**. Actas do 2º encontro de história da educação. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1998. p. 287-310.
- _____. **A formação de professores no Portugal contemporâneo – a Escola do Magistério Primário de Portalegre**. Tese (Doutoramento) – Universidad de Extremadura, Cáceres, 2001.
- _____. A História da Educação nos currículos de formação de professores: consolidar a História da Educação, pela construção de identidades. In: PINTASSILGO, Joaquim et al. (Org.). **A História da Educação em Portugal: balanço e perspectivas**. Porto: Edições ASA, 2007. p. 203-227.
- _____. Archives and education. The construction of educational memory / Arquivo e educação. A construção da memória educativa. **Sísifo**. Educational Sciences Journal, 1, p. 73-84, 2006a. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt>>.
- _____. Bibliotecas particulares e saberes pedagógicos: circulação e apropriação de modelos culturais. In: PINTASSILGO, Joaquim et al. (Org.). **História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais**. Lisboa: Colibri, Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2006b. p.233-257.
- _____. Comemorações, rituais e quotidianos na formação de professores (1959-1989). **Revista Lusófona de Educação**, 12, p. 139-154, 2008a.
- _____. História da Educação e formação de professores em Portugal (1862-1930). In: VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação, 17 a 20 abr. 2006, Uberlândia. **Anais**. Uberlândia: EDUFU, Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação, 2006c. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/principal.htm>>.

_____. Livros, leituras e inovação pedagógica – a circulação de modelos culturais e o papel das bibliotecas particulares na formação de professores. **Questio** – Revista de Estudos de Educação, Sorocaba, v. 8, n. 2, p. 63-74, nov. 2006d.

_____. Memórias de professores: discursos orais sobre a formação e a profissão. História da Educação, **ASPHE/FaE/UFPEL**, Pelotas, n. 17, p. 7-31, abr. 2005.

_____. Os museus pedagógicos em Portugal: história e actualidade. In: PEÑA SAAVEDRA, Vicente (Coord.). **I Foro Ibérico de Museísmo Pedagógico – O Museísmo Pedagógico en España e Portugal**: itinerários, experiências e perspectivas. Santiago de Compostela: Xunta da Galicia, Mupega – Museu Pedagógico da Galicia, 2003. p. 85-114.

_____. Ser professora em Portugal nos anos sessenta: Representações e discursos femininos na imprensa pedagógica. **Revista Faces de Eva**. Estudos sobre a mulher, Lisboa, Colibri, Universidade Nova de Lisboa, n. 24, p. 53-76, 2010.

_____. Tempo de formação, ritmos da profissão: o tempo nas escolas normais em Portugal. In: FERNANDES, Rogério; MIGNOT, Ana Cristina (Org.). **O tempo na escola**. Porto: Profedições, 2008b. p. 171-189.

MOGARRO, Maria João; MARTÍNEZ, Sílvia. Os primeiros estudantes do ensino normal: origens sociais e formação de professores na segunda metade do século XIX em Portugal. In: PINTASSILGO, Joaquim; SERRAZINA, Lurdes (Org.). **A Escola Normal de Lisboa e a formação de professores**: arquivo, história e memória. Lisboa: Colibri, Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa, 2009a. p. 61-78.

_____. Unprotected girls and teacher training in Portugal in the second half of the 19th century. **Paedagogica Historica**: International Journal of the History of Education, v. 45, n. 1-2, p. 179-190, 2009b.

MOGARRO, Maria João; ZAIA, Iomar. Do palácio ao calvário: escolas de formação de professores em Portugal no século XIX. In: PINTASSILGO, Joaquim; SERRAZINA, Lurdes (Org.). **A Escola Normal de Lisboa e a formação de professores**: arquivo, história e memória. Lisboa: Colibri, Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa, 2009. p. 41-60.

MÓNICA, Maria Filomena. **Educação e sociedade no Portugal de Salazar** (A escola primária salazarista, 1926-1939). Lisboa: Presença, Gabinete de Investigações Sociais, 1978.

MOTA, Luís. **A Escola do Magistério Primário de Coimbra (1942-1989)**. Entre ideologia, memória e história Tese (Doutoramento), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2006.

NÓVOA, António (Dir.). **A imprensa de educação e ensino** – Repertório analítico (séculos XIX-XX). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1993.

_____. (Dir.). **Dicionário de educadores portugueses**. Porto: Edições ASA, 2003.

_____. **Histoire et comparaison** (Essais sur l'éducation). Lisboa: Educa.

_____. **Le temps des professeurs**. Analyse socio-historique de la profession enseignante au Portugal (XVIIIe-XXe siècle). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

_____. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações D. Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1992a.

_____. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

_____. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto, 1991.

_____. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1992b.

NÓVOA, António; POPKEWITZ, Thomas S. (Coord.). **Reformas educativas e formação de professores**. Lisboa: Educa, 1992.

NÓVOA, António; SANTA-CLARA, Ana Teresa (Coord.). **“Liceus de Portugal”**. Histórias, Arquivos, Memórias. Porto: Edições ASA, 2003.

Ó, Jorge Ramos do. **O governo de si mesmo**. Modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (último quartel do século XIX – meados do século XX). Lisboa: Educa, 2003.

OLIVEIRA, Mário de Sousa. **A formação de professores no Liceu Normal de Pedro Nunes**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

PARDAL, Luís António. **Formação de professores do ensino secundário** (1901-1988). Legislação essencial e comentários. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1992.

_____. **Modelos e sistemas de formação de professores do ensino secundário português**. Tese (Doutoramento), Universidade de Aveiro, Aveiro, 1991.

PIMENTEL, Irene Flunser. **História das organizações femininas no Estado Novo**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

PINHEIRO, José Eduardo Moreirinhas. **A formação de professores: uma experiência pessoal numa Escola do Magistério**. Santarém: Projecto Museológico sobre Educação e Infância, 1993.

_____. **Do Ensino Normal na cidade de Lisboa** (1860-1960). Lisboa: Porto, 1990.

_____. **Elementos para o estudo da Escola Normal Primária de Lisboa**. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa, 1995.

_____. **Inventário de livros raros e desconhecidos**: memória da Escola Portuguesa (do séc. XVIII ao séc. XX). Lisboa: Colibri, Instituto Politécnico de Lisboa, 2009.

_____. **Textos dispersos sobre educação e cultura**. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa, 2004.

PINTASSILGO, Joaquim. A construção de uma deontologia profissional dos professores do ensino liceal português. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano 36, n. 1, 2 e 3, p. 429-447, 2002a.

_____. A profissão e a formação no discurso dos professores do ensino liceal português. In: XAVIER, Libânia Nassif et al (Org.). **Escola, culturas e saberes**. Bahia Sul: FGV, 2005. p. 56-73.

_____. **História da Formação de Professores** (Relatório). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2011.

_____. Manuais de pedagogia e inovação educativa no primeiro terço do século XX. In: _____ et al. (Orgs.). **História da escola em Portugal e no Brasil**: circulação e apropriação de modelos culturais. Lisboa: Colibri, 2006. p. 175-200.

_____. O mestre como artesão/prático e como intelectual. In: MAGALHÃES, Justino; ESCOLANO, Agustín (Org.). **Os professores na História**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1999. p. 83-99.

_____. Ser professor de liceu no Estado Novo português. O discurso dos professores na imprensa pedagógica. **História da Educação**, v. 6, n. 12, p. 17-37, 2002b.

PINTASSILGO, Joaquim; MOGARRO, Maria João; HENRIQUES, Raquel Pereira. **A formação de professores em Portugal**. Lisboa: Colibri, 2010.

PINTASSILGO, Joaquim; SERRAZINA, Lurdes (Org.). **A Escola Normal de Lisboa e a formação de professores**: arquivo, história e memória. Lisboa: Colibri, CIE, ESELx, 2009.

RESENDE, José Manuel. **O engrandecimento de uma profissão**: os professores do ensino secundário público no Estado Novo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.

SAMPAIO, José Salvado. **O Ensino Primário**. 1911-1969. Contribuição monográfica. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, 1975-77.

SANTOS, Maria Teresa. Perfil da História da Educação: conflito entre o empobrecimento efectivo e o potencial objectivo. In: PINTASSILGO, Joaquim et al. (Org.). **A História da Educação em Portugal**: balanço e perspectivas. Porto: Edições ASA, 2007. p. 229-256.

SERRA, Fernando. **Concepções educacionais em tempos revolucionários**. Uma abordagem histórico-sociológica do ensino primário e da formação de professores em Portugal no pós 25 de abril de 1974. Tese (Doutoramento) – Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

SILVA, Vivian Baptista. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos**: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970). São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2006.